

Percepções dos estudantes de ensino médio sobre o ensino no isolamento social

Secondary school students' perceptions of teaching in social isolation

La percepción de los estudiantes de secundaria sobre la enseñanza en el aislamiento social

Jocimário Alves Pereira¹
Bruno Silva Leite²
João Antonio Basilio³

Resumo: O isolamento social causado pela pandemia do coronavírus (SARS-Cov-2) modificou a rotina das escolas no Brasil e os estudantes se encontram em um ambiente completamente diferenciado. Neste contexto, o objetivo desta pesquisa foi investigar as percepções dos estudantes sobre o Ensino no Isolamento Social (EIS), analisando quais recursos estão sendo usados e os impactos causados na aprendizagem dos estudantes de quatro escolas do interior paraibano. Por se tratar de um estudo de caso de cunho qualitativo, a pesquisa foi realizada em três etapas: aplicação de um questionário on-line; análise dos questionários; construção textual baseada na análise dos dados. Os resultados mostram que o ensino virtual está sendo um ato mitigador para os estudantes, demonstrando que as escolas não estavam preparadas para incorporar este tipo de ensino (virtual). Além disso, foi evidenciado o uso do WhatsApp como um recurso para comunicação, contudo o uso de plataformas como o Google Sala de Aula apresenta maior participação dos estudantes. Por fim, observamos que o EIS compromete o processo de construção do conhecimento.

Palavras-chave: Covid-19. Educação. Ensino Virtual. Ensino e Aprendizagem.

Abstract: *The social isolation caused by the coronavirus pandemic (SARS-Cov-2) has changed the routine of schools in Brazil and students are in a completely different environment. In this context, the objective of this research was to investigate the students' perceptions about Teaching in Social Isolation (TSI), analyzing what resources are being used and the impacts caused on the learning of students from four schools in the interior of Paraíba. As it is a qualitative case study, the research was carried out in three stages (application of an online questionnaire; analysis of the questionnaires; textual construction based on data analysis). The results show that virtual teaching is being a mitigating act for students, demonstrating that schools were not prepared to incorporate this type of (virtual) teaching. In addition, the use of WhatsApp as a communication resource was evidenced, however, the use of platforms such as Google Classroom presents greater participation of students. Finally, we note that TSI compromises the process of building knowledge.*

Keywords: Covid-19. Education. Teaching and learning. Virtual teaching.

Resumen: *El aislamiento social causado por la pandemia de coronavirus (SARS-Cov-2) ha cambiado la rutina de las escuelas en Brasil y los estudiantes se encuentran en un entorno completamente diferente. En este contexto, el*

1 Mestre em Química, Professor na Escola Estadual de Ensino Fundamental França Leite (EEFFL), Ibiara/Paraíba, Professor na Prefeitura Municipal de Conceição/Paraíba.

2 Mestre em Química, Professor na Escola Estadual de Ensino Fundamental França Leite (EEFFL), Ibiara/Paraíba, Professor na Prefeitura Municipal de Conceição/Paraíba.

3 Licenciatura em Física, Professor na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Manoel Otaviano (Ibiara/Paraíba).

objetivo de esta investigación fue indagar en las percepciones de los estudiantes sobre la Docencia en Aislamiento Social (EIA), analizando qué recursos se están utilizando y los impactos causados en el aprendizaje de los estudiantes de cuatro escuelas del interior de Paraíba. Al tratarse de un estudio de caso cualitativo, la investigación se llevó a cabo en tres etapas: aplicación de un cuestionario en línea; análisis de los cuestionarios; construcción textual basada en análisis de datos. Los resultados muestran que la enseñanza virtual está siendo un acto atenuante para los estudiantes, demostrando que las escuelas no estaban preparadas para incorporar este tipo de enseñanza (virtual). Además, se evidenció el uso de WhatsApp como recurso para la comunicación, sin embargo el uso de plataformas como Google Classroom presenta mayor participación de los estudiantes. Finalmente, observamos que el EIS compromete el proceso de construcción de conocimiento.

Palabras clave: Educación. Docencia virtual. Enseñando y aprendiendo. COVID-19.

INTRODUÇÃO

Ao longo da história sempre houve uma metamorfose do comportamento sociocultural. Essas alterações são causadas por diversos fatores, como questões políticas, econômicas, religiosas, distúrbios patológicos, entre outros. Essas modificações podem afetar a percepção humana, principalmente se forem alterações drásticas do comportamento social (SILVA, 2016). Essa percepção pode afetar algumas estruturas sociais mais do que outras, o que influencia especificamente a consciência dos indivíduos diretamente envolvidos. Refletindo sobre este ângulo e considerando o cenário da Educação Formal, os estudantes são os sujeitos que sofrem os maiores impactos quando mudanças drásticas ocorrem.

No caso da pandemia do coronavírus (SARS-Cov-2) no Brasil, o isolamento social tornou-se um ato efetivo de prevenção à saúde, recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), Ministério da Saúde (MS) e Governos Estaduais, o que levou à suspensão de aulas presenciais nas escolas (BEZERRA et al., 2020).

Diante da suspensão das aulas presenciais, algumas Secretarias de Educação passaram a adotar processos de aulas denominadas de “remotas” com uso de diversos Recursos Pedagógicos (RP), com a distribuição de materiais impressos e Recursos Didáticos Digitais (RDD), como a utilização de Plataformas de Ensino e de Redes Sociais. Uma das secretarias a considerar esta estratégia de “ensino remoto” foi a Secretaria de Estado da Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba (SEECT-PB) que definiu como recurso de

assistência “remota” a plataforma Google Sala de Aula para utilização de seus docentes.

Nessas circunstâncias os estudantes se encontram em um ambiente completamente diferenciado, tendo que mudar sua rotina social e de estudo, além de exigir maior protagonismo e autonomia deles no uso dos RDD. Assim, esta pesquisa busca responder aos seguintes questionamentos:

- a) Quais as impressões dos estudantes sobre o ensino virtual/remoto?
- b) Quais recursos os estudantes estão utilizando para o processo de ensino e aprendizagem?
- c) Como os estudantes estão avaliando o momento das aulas virtuais?

No intuito de alcançar respostas a esses questionamentos, a pesquisa teve como objetivo investigar as percepções dos estudantes sobre o Ensino no Isolamento Social (EIS), analisando quais recursos estão sendo usados e os impactos causados na aprendizagem de estudantes do interior do Estado da Paraíba/Brasil. Destarte, essa ação é justificada por buscar compreender e organizar dados que possam contribuir para o(s) planejamento(s) de (re)construção do processo de ensino e aprendizagem nas regiões afetadas pelo novo Coronavírus. Além de fornecer uma visão geral sobre as ações governamentais para a educação do estado da Paraíba durante o período de emergência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A evolução humana é marcada por processos que envolvem muitos fatores (biológicos, físicos, climáticos, culturais, econômicos etc.), o que modelou/modela

a sociedade em configurações de contínuo desenvolvimento sociocultural (VIEIRA; OLIVA, 2017). Dentro dessas alterações sociais, há algumas que são provocadas por enfermidades, que provocam mudanças nos hábitos sanitários, culturais, econômicos e políticos. Um fato observado com a pandemia do coronavírus, em que vários países, inclusive o Brasil, promoveram o isolamento social, forçando vários profissionais a realizarem trabalhos do tipo home office (traduzido como escritório em casa ou trabalho em casa), com fechamento de vários postos de trabalhos, considerados pelos Governos Federais como não essenciais. Oliveira, Branches e Lana (2020) explicam que

[...] a Organização Mundial da Saúde (OMS) e as principais autoridades de saúde no Brasil divulgaram como cuidados: higienizar as mãos, cobrir a boca com o antebraço ou lenço descartável ao tossir e espirrar, evitar aglomerações e manter-se em isolamento domiciliar, por até 14 dias, em caso de sintomas da doença. Também é incentivada a manutenção das pessoas em ambientes bem ventilados e que as empresas e instituições públicas considerem a realização de trabalho remoto (home office), reuniões virtuais e cancelamento de viagens (OLIVEIRA, BRANCHES; LANA, 2020, p. 1).

Seguindo essa tendência, as aulas no Brasil foram suspensas temporariamente, sendo que cada estado brasileiro, assim como os municípios, adotou estratégias próprias para subsidiar os processos educacionais (AVELINO; MENDES, 2020). Muitos desses processos baseiam-se em sistemas de Ensino a Distância (EaD) e/ou Ensino On-Line (EOL), através de redes sociais e plataformas de ensino (PEIXOTO et al., 2019). Estas mudanças foram drásticas, contudo, as instituições de ensino deram uma resposta rápida, mesmo sem estarem preparadas para tais mudanças (LIVARI; SHARMA; VENTÃO-OLKKONEM, 2020).

Oliveira e Souza (2020) destacam que muitas dessas ações são práticas suplementares, que contribuem para o processo de ensino e aprendizagem, mas a carga horária dessas aulas não é substancial para serem agregadas

ao calendário anual de aulas. Já Avelino e Mendes (2020) relatam que essas ações que fazem uso de RDD seriam uma alternativa para superar a falta das aulas presenciais, porém esbarram nas questões sociais, ou seja, as aulas virtuais não contemplam todos os estudantes, pois nem todos eles têm acesso à internet, computadores ou smartphones, e os que têm acesso podem enfrentar dificuldades na transposição do ensino presencial para o ensino virtual. Ademais, os suplementos educacionais através do uso de material impresso ou da televisão são difíceis de controlar elementos como o acesso, assim como acompanhar o desenvolvimento dos estudantes (MAIA, 2016).

2.1 Isolamento social e ensino suplementar na Paraíba

O estado da Paraíba decretou Emergência através de ato do poder executivo (decreto nº 40.122 – 13 de março de 2020), devido a pandemia do coronavírus, suspendendo atendimentos presenciais nas repartições públicas estaduais, em consequência todas as aulas da rede estadual foram suspensas por tempo indeterminado (Normativa 01) guiado pelo decreto nº 40.122 e posteriormente ampliado por outros decretos e portarias (PARAÍBA, 2020; PARAÍBA E., 2020).

Dentro desta situação a SEECT-PB apresentou estratégias de implementação do Regime Especial de Ensino pela portaria nº 418 com validade sobre todo período de suspensão de aulas presenciais devido ao isolamento social ocasionado pelo coronavírus (PARAÍBA, 2020). O Regime Especial de Ensino foi organizado com várias frentes com uso de plataformas digitais especialmente a Google Sala de Aula, mas também utilizando as redes sociais como Instagram e WhatsApp, além do uso de plataformas de transmissão de vídeos como Youtube. Estes recursos foram indicados e utilizados como mecanismo extra para o ensino dos estudantes que têm acesso à internet e celulares e/ou computadores. Para aqueles estudantes sem acesso à internet foi proposto a distribuição de materiais impressos pelas escolas e aulas através da televisão (G1, 2020).

Apesar das ações da SEECT-PB, o Ministério Público da Paraíba (MPPB) recomendou que seja escrito e apresentado o plano detalhando, com apresentação de estratégias, calendário e planilha de recursos (MPPB, 2020). Toda e qualquer ação nesse período necessita de muita atenção, principalmente na educação, o cuidado deve ser maior, pois envolve a aprendizagem dos estudantes e conseqüentemente o futuro do desenvolvimento social, político, cultural e econômico (LANGONI, 2005).

2.2 Tempo e espaço para o ensino formal

A pandemia do coronavírus trouxe um grande problema para o processo de ensino formal, a suspensão das aulas presenciais, o qual as escolas, gestão (diretores, coordenadores, funcionários etc.), professores e estudantes não estavam preparados para enfrentar. As aulas presenciais se configuram como a principal forma de ensino brasileiro, tendo como característica basilar a presença dos professores e estudantes no mesmo espaço físico e tempo (BRAGA, 2015). Com o isolamento social este tipo de ensino se tornou inviável.

Para superar a impossibilidade do ensino presencial durante a pandemia, estruturou-se um processo que se popularizou como “Ensino Remoto (ER)” uma ação sistemática de ensino separado no espaço, porém de forma síncrona (OLIVEIRA et al., 2012). Moreira e Schlemmer (2020) explicam que:

O termo remoto significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O Ensino Remoto ou Aula Remota se configura então, como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino, por instituições educacionais no mundo todo, em função das restrições impostas pela COVID-19, que impossibilita a presença física de estudantes e professores nos espaços geográficos das instituições educacionais (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 8).

De acordo com a legislação e literatura (BRASIL, 1996; OLIVEIRA et al., 2012;

MOREIRA; SCHLEMMER, 2020) se depreende que o ensino remoto se diferencia do Ensino Presencial (EP) pela condição geográfica. Contudo, concordamos com diversos autores (SILVA, 2003; JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020; LEITE, 2020) ao defenderem que a nomenclatura mais adequada seria Ensino Virtual (EV), já que toda ação de ensino acontece dentro do mundo virtual (ocorrendo apenas uma mudança do ambiente presencial para o virtual), através das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) que permitem videoconferências, ou seja, há sim uma separação geográfica, mas que não significa que estejam em locais “remotos” ou de difícil acesso, apenas não podem se encontrar presencialmente.

Apesar da separação geográfica, este ensino não pode ser considerado EaD, pois segundo a Lei de Diretrizes Bases da Educação (LDB) de 1996 a EaD é um sistema no qual processo de ensino em tempo e espaço assíncronos (BRASIL, 1996), ou seja, o aluno estuda de acordo com o seu tempo. Ao longo da história a EaD fez uso de diversos recursos cartas (materiais impressos), rádio, Televisão, plataformas de ensino e/ou redes sociais (PEREIRA; MORAES; TERUYA, 2017). Dessa forma, entendemos que o ensino EaD apresenta um conceito bastante amplo, que engloba por exemplo o conceito de EOL, um processo de ensino e aprendizagem realizado por meio das TDIC, principalmente sistemas e plataformas específicas para este fim, e pode ser aplicado para auxiliar no ensino presencial, ou não-presencial ou até mesmo um híbrido, se diferenciando do EV principalmente por ser um ação que pode ser realizada de forma assíncrona (SILVA, 2003; PEREIRA; MORAES; TERUYA, 2017; ORTEGA; ROCHA, 2020).

Todas as “modalidades” de ensino (EP, EV, EOL ou EaD) têm seus pontos positivos e negativos que devem ser considerados separadamente ou em conjunto. No EP se considera que as relações sociais e a presença do professor são os pontos positivos, pois carregam todo um processo de construção sociocultural importante para formação cidadã. Todavia, apresenta limitações já que,

geralmente, necessita de espaços específicos e a presença simultânea dos participantes (PERISSÉ, 2017; VIEIRA; CUNHA; MARTINEZ, 2017), além de outros fatores, como por exemplo, infraestrutura adequada.

No EV há necessidade da participação simultânea apresentando a vantagem de não necessitar que todos os estudantes estejam no mesmo ambiente (físico), dando oportunidade de atingir muitos participantes de uma única vez (LEITE, 2020). Contudo, esbarra na necessidade de recursos específicos, apresentando um modo impessoal de relação entre os participantes (ORTEGA; ROCHA, 2020). Além disso, os estudantes ficam “reféns” de uma infraestrutura tecnológica mínima para sua participação que pode aumentar o grau de exclusão digital e social, ou seja, aumenta a desigualdade entre as classes.

O EaD e EOL apresentam um poder de democratização muito importante, pois proporcionam um processo educacional a ambientes de difícil acesso. Ademais, oportunizam a autonomia dos estudantes que passam a ter controle de sua aprendizagem, dos horários de estudo, em que as atividades são realizadas, em sua maioria, por modalidades assíncronas, contudo se limitam pela exigência de uso das TDIC (PEREIRA; MORAES; TERUYA, 2017).

Pischetola (2019) explica que independente da modalidade de ensino quando se faz uso das TDIC há necessidade de inclusão. A inclusão digital reverbera na inclusão social e no acesso aos recursos sociais. Segundo Demo (2005, p. 1):

Aparece, então, o desafio do que seria inclusão digital para eles. Como regra, a tendência é considerar inclusão o que não passa de efeito de poder, à medida que se reservam para eles os restos, tais como: equipamentos sucateados, cursos precários, ambientes improvisados, treinamentos encurtados, programas baratos. [...] Sobre este pano de fundo, emergem pelo menos dois grandes horizontes: enfrentar o atraso tecnológico, para não ficar para trás definitivamente; enfrentar a precariedade da escola pública,

para não permitir que a população seja incluída na margem (DEMO, 2005, p. 1).

Corroborando com Demo (2005), Robinson e colaboradores (2020) explicam que a pandemia do novo Coronavírus, deixou bastante evidente a necessidade de inclusão digital, demonstrando que é uma ação necessária para minimizar os impactos educacionais e, conseqüentemente, proporcionar momentos de desenvolvimento social. Neste sentido a EaD, com uso das TDIC, pode ser um recurso para democratização da educação a espaços de difícil acesso ao ensino presencial, porém há necessidade de romper as condições socioeconômicas e levar a inclusão digital a todos os envolvidos, de modo igual deve ser aplicado ao EV.

Nesse sentido, a EaD e o EV podem se tornar um mecanismo alternativo, não apenas em épocas de pandemias, mas em todos os processos de construção de conhecimento de maneira autônoma e democrática (COVALSKY; MOTA, 2016; PISCHETOLA, 2019). Em vista disto, ações envolvendo os processos de ensino e aprendizagem têm certas dependências de tempo, espaços e recursos, que para serem superados necessitam de políticas públicas efetivas, mas também, de pesquisas, planejamento e bastante diálogo.

3 METODOLOGIA

Este trabalho trata de um estudo de caso de cunho qualitativo, pois permite incorporar as demandas das ações humanas, dentro dos contextos sociais, culturais, políticos, tecnológicos, entre outros (MEIRINHOS; OSÓRIO, 2016), com o intuito de compreender a percepção dos estudantes sobre o processo de Ensino no Isolamento Social, analisando quais recursos estão sendo usados e os impactos causados na sua aprendizagem.

A pesquisa foi realizada com estudantes de quatro (4) escolas do Ensino Médio, localizadas na Sétima Gerência Regional de Ensino (7ª GRE), no sertão da Paraíba – Brasil. O estudo foi estruturado em três (3) etapas, para que fosse possível responder às perguntas da pesquisa e alcançando o objetivo proposto.

Na primeira etapa realizou-se o envio de um questionário (QUADRO 1) on-line para coleta de opiniões. O questionário foi elaborado no Google Formulário e enviado

para os estudantes através da plataforma de ensino Google Sala de Aula e de Grupos de WhatsApp em que os estudantes das escolas pesquisadas fazem parte.

Quadro 1- Questionário de Pesquisa sobre o EIS

1 - Endereço de e-mail: _____
2 - Escola que você estuda: _____
3 - Qual série você estuda: _____
4 - Qual a sua idade? _____
5 - Você está participando de alguma atividade de estudo a distância durante o isolamento social? <i>Marcar apenas uma</i> Sim () <i>Pular para a pergunta 7</i> Não () <i>Pular para a pergunta 6</i>
6 - Por qual motivo você não está estudando? _____
7 - Qual plataforma está usando para estudar? <i>Marque todas que se aplicam.</i> Google Sala de aula () Plataforma moodle () WhatsApp () Instagram () Facebook () Outros () _____
8 - Como você avalia esse processo de ensino? <i>Marcar apenas uma.</i> Regular () Bom () Ruim () Excelente () Péssimo ()
9 - Acredita que o isolamento está ou vai prejudicar sua aprendizagem na série que você está? <i>Marcar apenas uma.</i> Sim () Não () Talvez ()
10 - Quais as principais dificuldades você encontra neste ensino: _____
11 - Como você avalia sua condição enquanto estudante? Dando uma nota de zero (0) a dez (10), em que zero diz você se dedica pouco e 10 você se dedica muito. <i>Marcar apenas uma.</i> 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 () 7 () 8 () 9 () 10 ()
12 - Você sente falta da escola? <i>Marcar apenas uma.</i> Sim () <i>Por quê?</i> Não () <i>Pular para a pergunta 13</i>
13 - Acredita que o seu ensino poderia ser sempre virtual? <i>Marcar apenas uma.</i> Sim () Não ()
14 - O que você sente mais falta da escola? _____
15 - Para você, qual a maior diferença entre o ensino a distância e o ensino presencial?

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

O uso do questionário on-line se torna um mecanismo prático e efetivo de coleta de dados, permitindo agilidade na distribuição, impessoalidade na coleta das informações, organizando de forma orientada e didática (FALEIROS et al., 2016). Além disso, ressalta-se o fato do fechamento das escolas durante o isolamento social, o que induziu a utilização do questionário on-line, considerando que a comunicação por meio das TDIC era o caminho mais seguro e provável.

Participaram 77 estudantes, cerca de 10% dos indivíduos das quatro (4) instituições da 7ª GRE, o

que representa um número amostral pertinente para uma pesquisa qualitativa, conforme postulam Patias e Hohendorff (2019). Para esses autores, o tipo da pesquisa, objetivos do estudo e a disponibilidade dos sujeitos orientam as diretrizes para o tamanho da amostra. Os estudantes participaram de maneira espontânea e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), tendo suas identidades preservadas, ou seja, seguindo um padrão ético e moral necessário para pesquisa científica, como determina a Resolução 510, de 07 de abril de 2016 (BRASIL, 2016).

Posteriormente, na segunda etapa da pesquisa, o questionário foi analisado seguindo critérios técnicos e científicos considerando a interpretação dos discursos dos estudantes, assim como destacando os dados das parcelas amostrais de forma estatística (MANZATO; SANTOS, 2012; FANTINATO, 2015). Conforme Oliveira (2011, p. 46):

A análise dos dados é uma das fases mais importantes da pesquisa, pois, a partir dela, é que serão apresentados os resultados e a conclusão da pesquisa, conclusão essa que poderá ser final ou apenas parcial, deixando margem para pesquisas posteriores (OLIVEIRA, 2011, p. 46).

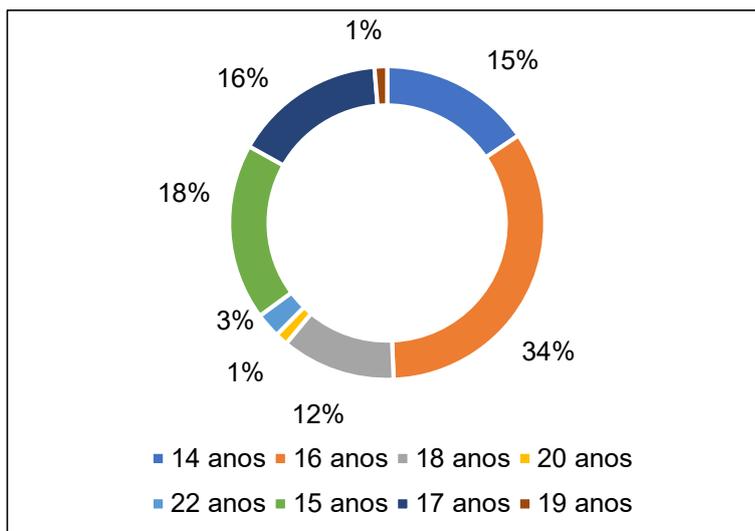
O terceiro e último passo foi a construção textual baseada na análise dos dados,

procurando organizar as informações em gráficos, tabelas e textos dissertativos com “acabamento, autoridade, clareza, coerência, controle, dignidade, direção, eticalidade, fidelidade, inteireza, objetividade, seletividade, tato e veracidade” (BORGES; SILVA, 2017, p. 45), construindo legitimidade e segurança para pesquisas científicas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário recebeu a devolutiva de 77 estudantes de quatro escolas de Ensino Médio, todas da 7ª GRE. Participaram estudantes das três séries do ensino médio regular, sendo 45,45% do primeiro ano, 38,96% do segundo ano e 15,59% do terceiro ano, em uma faixa etária de 14 a 22 anos, como observado no Gráfico 1.

Gráfico 1- Porcentagem da faixa etária dos estudantes na pesquisa



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Pode ser observado no gráfico a oscilação da faixa etária dos estudantes, que se torna importante destacar, pois a construção do perfil dos estudantes é fundamental para o embasamento de qualquer pesquisa na área, já que a interpretação da aprendizagem pode ser influenciada pelo contexto histórico, como seu percurso no sistema de educação formal, questões socioeconômicas e culturais. Para

nosso caso, estes dados apontam para uma distorção na idade dos estudantes de pelo menos 32%, sendo que 17% estão acima da idade máxima (17 anos) recomendada para o terceiro ano do ensino médio e 15% abaixo da idade mínima (15 anos) recomendada para primeiro ano do ensino médio (SILVA, 2016).

Entre os pesquisados 87% dos estudantes afirmam que estão participando de alguma

atividade de estudo a distância durante o isolamento social. O que é um número bem representativo, e ainda mais significativo pelo fato dos 13% que afirmaram que não

estão estudando, mas aguardam a iniciativa de suas escolas para dar início às atividades de ensino através de sistemas EaD e/ou EV (Quadro 2).

Quadro 2- Transcrição de algumas justificativas dos estudantes que não estão em atividade de ensino durante o isolamento social

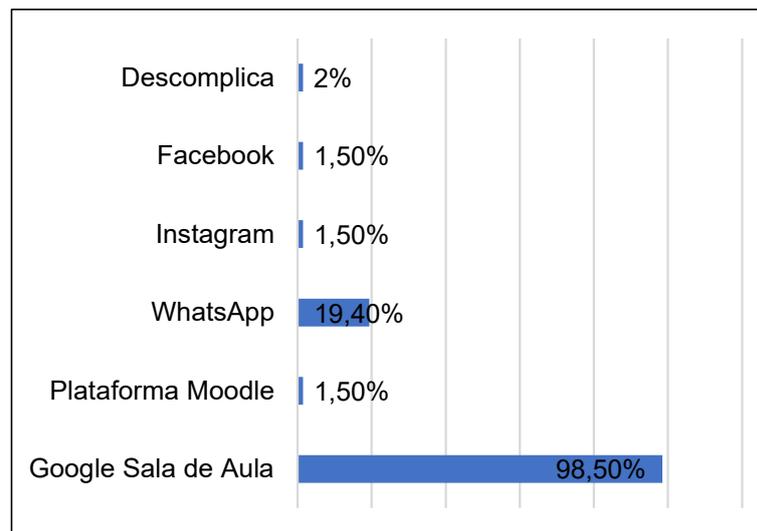
Estudante A	Nossa escola ainda não está tendo aulas on-line.
Estudante B	Nenhum dos professores ainda passou alguma atividade.
Estudante C	Minha escola ainda vai começar as aulas on-line.
Estudante D	Minha escola só começa as atividades on-line na próxima semana.
Estudante E	Não estamos tendo aula on-line. Mas se tivesse eu participava.

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Na transcrição das falas dos estudantes (QUADRO 2), compreende-se que estes ainda não estão participando das atividades de ensino, porém deixam um indicativo de participarem logo que as instituições que eles estudam comecem a realizar as atividades de ensino. Todavia, se torna contraditória essas falas, uma vez que todas

as instituições que participaram da pesquisa já estavam desenvolvendo alguma atividade de ensino (conforme orientações da SEECT-PB). Isso pode indicar certa resistência dos estudantes na participação das atividades de ensino virtual, inclusive o questionário desta pesquisa foi enviado através desses canais de EIS (GRÁFICO 2).

Gráfico 2- Plataformas usadas para estudos



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Dessa forma, nos dados no Gráfico 2 identificamos diversas plataformas de comunicação usadas para os estudos, nas quais os pesquisados estavam tendo acesso,

pondo em questão que, ou os estudantes não conseguiram entender a dinâmica dessa nova forma de ensinar, ou propositadamente estão ignorando as atividades da instituição que

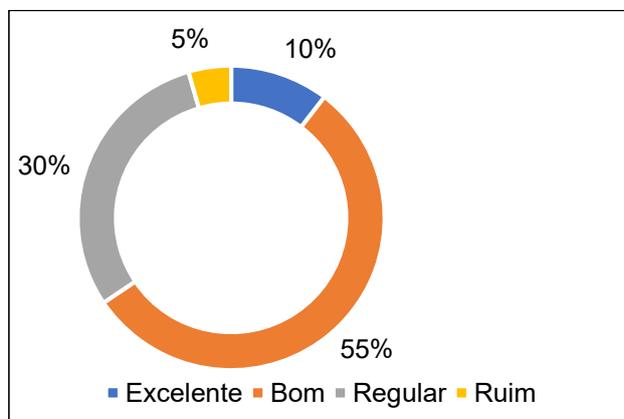
estudam, demonstrando certa passividade dos estudantes que afirmaram ainda não estarem participando de alguma atividade de estudo no isolamento social. Ainda no Gráfico 2 observamos que o Google Sala de Aula (98,50%) é a principal ferramenta de ensino das escolas em período de isolamento social, isso ocorre devido a dispositivos da SEECT-PB que organizou processos educacionais através desta plataforma. Contudo, foram usadas outras plataformas virtuais em menor escala (1,5% utilizam a plataforma Moodle, 2,0% fazem uso do aplicativo Descomplica) e as redes sociais (1,5% para o uso do Facebook, 1,5% utilizando o Instagram e 19,4% utilizam o WhatsApp).

Observando essas respostas podemos inferir que as escolas investigadas estão desenvolvendo atividades de ensino, essas atividades caracterizam-se por serem atividade assíncronas, mas não EaD ou EOL,

se enquadrando melhor na perspectiva do EV, já que nas respostas é observado que houve apenas uma transposição do ensino presencial para o uso das TDIC (SILVA, 2003; JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020; LEITE, 2020; ORTEGA; ROCHA, 2020). Desta forma, a perspectiva educacional das escolas deve ter atenção para compreender os caminhos do ensino e aprendizagem, propondo abordagens que auxiliem para todas as situações, principalmente as que são promovidas em épocas de exceções, como é o caso da pandemia (PISCHETOLA, 2019).

A pergunta seguinte foi referente à avaliação desse processo de ensino no qual apenas os estudantes que estavam participando de algum processo de ensino formal no isolamento social responderam, e as considerações foram promissoras como podemos observar no Gráfico 3.

Gráfico 3- Porcentagem da avaliação sobre o processo de EIS



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Pela avaliação dos estudantes o processo de EIS é considerado “Bom” (55,0%) ou “Excelente” (10%), indicando que a maioria dos estudantes se mostraram satisfeitos com este tipo de ação (emergencial). Uma pequena parcela considerou “Ruim” (5%), o que indica uma positividade dos estudantes a este processo de ensino. Todavia, há um número bem expressivo dos que indicam o EIS como “Regular” (30%), o que exige maior

estruturação do sistema para que alcance melhores condições e inclua um número maior de estudantes. Além de ser importante considerar os preceitos da inclusão digital (DEMO, 2005).

A estruturação fica evidente quando são questionados se eles acreditam que o isolamento está ou vai prejudicar sua aprendizagem? Apenas 9% dos estudantes acreditam que “Não”. No entanto 44,8% acreditam que irão

ter prejuízos em sua aprendizagem e 46,2% acreditam que talvez fiquem prejudicados. Estes dados ratificam os achados de França Filho, Antunes e Couto (2020) que apontam prejuízos no EV no período da pandemia. Ademais, é evidente que o EIS ainda não traz confiança

aos estudantes do ensino médio, mesmo eles considerando em sua maioria um ensino “Bom” e isso leva a debater a necessidade da presença dos professores e da interação social das escolas para o ensino médio, como pode ser observado no Quadro 3.

Quadro 3- Transcrição de algumas dificuldades descritas pelos estudantes no EV

Estudante A	Não poder discutir entre os colegas sobre trabalhos e etc
Estudante B	Falta de aula
Estudante C	Não é a mesma coisa que estar presente na escola.
Estudante D	O contato com os colegas e com os professores.
Estudante E	Não é a mesma coisa de estar presente ao professor, tem algumas dificuldades.
Estudante F	A principal é a distância, a falta de vontade.
Estudante G	Não ter o mesmo foco como nas aulas presenciais.
Estudante H	Não é tão completo como seria pessoalmente.
Estudante I	O diálogo entre os professores e os alunos.
Estudante J	As explicações, que não tem nem comparação com as presenciais, que entendemos muito mais.

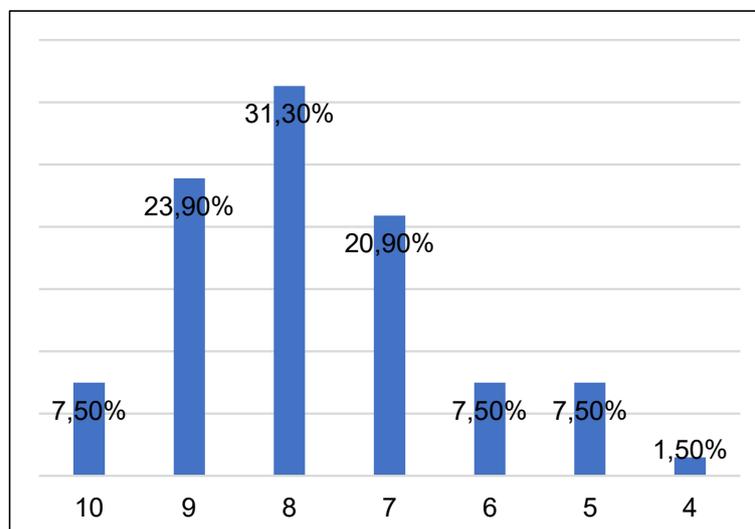
Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Os dados do Quadro 3 mostram que os maiores desafios dos estudantes com o EIS são as relações sociais e a necessidade da presença dos professores. Além disso, as respostas demonstram que os estudantes sentem falta da escola (95,5%) e que o ensino não poderia ser apenas virtual (100%).

Essas alegações continuam sendo validadas

quando os dados apontam que os estudantes sentem falta da presença das aulas presenciais (70,0%), das interações com professores (65,0%) e da interação com os colegas (60,0%). Nessas condições os estudantes apontaram como eles classificam sua condição enquanto estudante, no tocante a sua dedicação (uma autoavaliação), conforme descrito no Gráfico 4.

Gráfico 4- Autoavaliação da dedicação aos estudos



Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

A observação ao Gráfico 4 aponta que para a maior parte dos estudantes sua dedicação aos estudos está acima da média (7). O que consideramos como um ponto positivo, pois estabelece um indicativo de que os estudantes estão procurando se dedicar aos estudos, mesmo estando em um estado de exceção. Contudo, comparando a dedicação dos estudantes com a avaliação das limitações sobre o EIS, observa-se que há uma dificuldade para a realização de atividades utilizando

apenas as TDIC, o que reflete uma provável indicação de inacessibilidade, exclusão digital e até mesmo a não adaptação às metodologias dos professores (que por vezes, são as mesmas do EP).

Por fim, foi solicitado aos estudantes que identificassem as principais diferenças nas modalidades de ensino virtual e o ensino presencial. Os dados obtidos inferem a necessidade do processo de ensino ser presencial devido à relação social (QUADRO 4).

Quadro 4- Transcrição de algumas falas dos estudantes sobre as diferenças do EP e EV

Estudante A	A diferença é que a distância você presta muita atenção e presencial é muito diferente você já presta mais atenção, e a explicação do professor(a) ajuda bastante.
Estudante B	Porque na escola tem uma concentração melhor, já em casa não é a mesma coisa.
Estudante C	No presencial temos mais foco, prazos etc. Pois estamos lá para isso.
Estudante D	Que o ensino pessoal é mais fácil que as dúvidas são rápidas e a distância é um pouco complicado em relação
Estudante E	O ensino a distância é ruim pois não temos aulas essenciais para termos mais aprendizagem. O ensino presencial é muito bom com eles e podemos prestar mais atenção nos assuntos tendo um aprendizado cada vez melhor.
Estudante F	A falta que os professores e os colegas fazem.
Estudante G	O diálogo entre os professores e os alunos.
Estudante H	A maior diferença, é o comprometimento dos alunos, em uma aula presencial a atenção é maior.
Estudante I	O ensino a distância tem nos torna mais solitários, o ensino presencial nos distrai, temos amigos, enfim nos distraímos o que melhorar nossa mente!
Estudante J	Nas aulas presenciais prestamos mais atenção, ou seja, temos mais foco, já nas aulas a distância acabamos nos distraindo com algo.

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Analisando o Quadro 4, é possível constatar que as respostas dos estudantes favorecem aos apontamentos já descritos anteriormente em outras questões (exemplo Quadro 3), em que os estudantes sentem falta dos professores e da relação com os colegas. Isso corrobora com trabalhos como o de Ribeiro e colaboradores (2019, p. 161) que dizem:

Pensando nas questões que envolvem o âmbito educacional é possível notara importância da relação professor-aluno,

que deve ser entendida não somente como uma simples relação, mas talvez como a mais importante das relações existentes no que diz respeito à aprendizagem, pois além da troca de saberes essa relação proporciona confiança e abre espaço para o diálogo que de maneira natural resultará numa experiência de construção de saberes (RIBEIRO et al., 2019, p. 16).

A relação aluno-aluno também é tão significativa quanto professor-aluno, pois as

relações socioculturais são o que fundamentam o processo de ensino e aprendizagem (SANTOS, 2018). E apesar de descrevermos apenas uma amostra da parcela, os resultados obtidos nessa pesquisa levam para a mesma interpretação, de que os estudantes têm necessidade da relação professor-estudante, assim como estudante-estudante, o que enfatiza que os estudantes estão seguindo seus estudos mesmo diante das dificuldades do isolamento social, mas que o retorno do ensino presencial é uma necessidade social deles, para a construção de identidades e de conhecimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa exibiu um panorama da realidade dos processos de EIS de estudantes da 7ª GRE da Paraíba, em relação à prática de ensino virtual. Observamos que o ensino virtual está sendo um ato mitigador para os estudantes, demonstrando que o ensino médio não está preparado para incorporar um método de ensino com a atual estrutura das escolas, principalmente porque não houve oportunidade para planejamento, acontecendo de forma impositiva devido à pandemia do novo Coronavírus. O que não é um problema exclusivo do universo pesquisado, como descreve França Filho, Antunes e Couto (2020), o impacto do ensino “remoto” está conectado a um despreparo, não apenas de habilidades, mas de falta de recursos pelos envolvidos no processo educacional.

Os resultados também demonstraram que o WhatsApp é uma rede social importante na comunicação e no processo de ensino, como observado em diversos trabalhos (HONORATO; REIS, 2014; KAIESKI; GRINGS; FETTER, 2015; SILVA; ROCHA, 2017). Porém, as plataformas especializadas como Google Sala de Aula quando institucionalizada têm maior participação dos estudantes. Nesse sentido, Al-Marooof e Al-Emram (2018) afirmam que o Google Sala de Aula é um recurso prático e que deve ser adotado pelas instituições de ensino, além de apontarem para a importância de formações/capacitações que façam uso de plataformas e redes sociais de forma

estruturada para auxiliar os professores nos processos de ensino e aprendizagem de forma institucionalizada.

Nesta pesquisa observamos que a aprendizagem no isolamento social pode ter ficado comprometida, primeiro pela resistência de uma parcela de estudantes ao processo de ensino por mecanismos virtuais, segundo pelos desafios de acessibilidade aos recursos digitais, terceiro por criar um abismo social, tendo em vista que o ensino médio é uma fase de construção de identidade e cidadania que são construídas na interação pessoal e que são fundamentais para a construção do conhecimento.

Esta pesquisa apresenta informações relevantes que podem ser utilizadas no planejamento educacional da região, pois indica as contribuições e limitações no processo de ensino e aprendizagem durante a suspensão das aulas presenciais. Entretanto, é um recorte da realidade vivenciada neste período de pandemia do novo Coronavírus nas escolas da 7ª GRE, e que dados mais incisivos e os impactos da realidade do processo educacional, só poderão ser apurados com maior precisão quando as atividades voltarem ao normal. Ademais, indicamos que haja mais pesquisas na temática para que consigamos construir informações que deem sustentação aos sistemas de ensino, seja presencial, virtual ou híbrido.

REFERÊNCIAS

- AL-MAROOF, Rana A. Saeed; AL-EMRAN, Mostafa. Students Acceptance of Google Classroom: An Exploratory Study using PLS-SEM Approach. **Jornal Internacional de Tecnologias Emergentes em Aprendizagem (IJET)**, Viena, v. 13, n. 06, p. 112-123, 2018.
- AVELINO, Wagner Feitosa; MENDES, Jessica Guimarães. A REALIDADE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA A PARTIR DA COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 56-62, 2020.
- BRAGA, Clarissa Bittencourt de Pinho. **Dicotomia entre o discurso e a prática**

pedagógica na educação a distância. 1. ed Curitiba: Appris, 2015.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Ministério da Saúde**: Conselho Nacional de Saúde. Brasília, 2016.

BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos; SILVA, Carlos Eduardo Menezes; SOARES, Fernando Ramalho Gameleira; SILVA, José Alexandre Menezes. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 2411-2421, 2020.

BORGES, Heloisa; SILVA, Helena Borges. Elementos essenciais do projeto e do relatório científicos na pesquisa em educação. **Revista Areté/Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 4, n. 7, p. 34-47, 2017.

COVALSKY, Cristiana Mariani; MOTA, Junior Cesar. Limites e possibilidades de estudantes na educação a distância (EaD). **Revista da UNIFEFE**, Brusque, v. 1, n. 18, p. 75-87, 2016.

DEMO, Pedro. **Inclusão digital-cada vez mais no centro da inclusão social**. Inclusão social, Brasília v. 1, n. 1, 2005.

FALEIROS, Fabiana; KÄPPLER, Christoph; PONTES, Fernando Augusto Ramos; SILVA, Simone Souza Costa; GOES, Fernanda Santos Nogueira; CUCICK, Cibele Dias. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 25, n. 4, p. 1-6, 2016.

FANTINATO, Marcelo. **Métodos de pesquisa**. São Paulo: USP, 2015.

G1. Governo da PB deve apresentar plano para orientar escolas sobre uso do EaD durante o isolamento. Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2020/05/05/governo-da-pb-deve-apresentar-plano-para-orientar-escolas-sobre-uso-do-ead-durante-o-isolamento.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FRANÇA FILHO, Astrogildo Luiz; ANTUNES, Charlle Françás; COUTO, Marcos Antonio Campos. Alguns apontamentos para uma crítica da EaD na educação brasileira em tempos de pandemia. **Revista Tamoios**, Rio de Janeiro v. 16, n. 1, 2020.

HONORATO, Wagner de Almeida Moreira; REIS, Regina Sallete Fernandes. Whatsapp—uma nova ferramenta para o ensino. **Anais do IV Simpósio de Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade**. Sidetec. Itajubá: UNIFEI, p. 1-6, 2014.

JOYE, Cassandra Ribeiro; MOREIRA, Marília Maia; ROCHA, Sinara Socorro Duarte. Distance Education or Emergency Remote Educational Activity: in search of the missing link of school education in times of COVID-19. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 7, 2020.

KAIESKI, Naira; GRINGS, Jacques Andre; FETTER, Shirlei Alexandra. Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do WhatsApp. **RENTE-Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, 2015.

LANGONI, Carlos Geraldo. **Distribuição da renda e desenvolvimento econômico do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005.

LEITE, B. S. Da aula presencial para a aula virtual: relatos de uma experiência no ensino virtual de Química. **Educación Química**, México D.F., v. 31, n. 5, p. 66-72, 2020.

LIVARI, Netta; SHARMA, Sumita; VENTÄ-OLKKONEN, Leena. Digital transformation of everyday life—How COVID-19 pandemic

- transformed the basic education of the young generation and why information management research should care? **International Journal of Information Management**, [s. l.], v. 55, p. 102183, 2020.
- MAIA, Gabrielle. Bases pedagógicas da EAD. **Simpósio Internacional de Educação e Comunicação-SIMEDUC**, Aracaju, n. 7, 2016.
- MANZATO, Antonio José; SANTOS, Adriana Barbosa. **A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa**. Departamento de Ciência de Computação e Estatística– Universidade de Santa Catarina. Santa Catarina, IBILCE – UNESP, 2012.
- MEIRINHOS, Manuel; OSÓRIO, António. O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. **EduSer-Revista de educação**, Bragança/Portugal v. 2, n. 2, 2016.
- MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, 2020.
- MPPB. **Promotoria de Jacaraú expede recomendação sobre a reorganização do calendário das escolas estaduais**. Disponível em: <http://www.mppb.mp.br/index.php/37-noticias/educacao/22351-promotoria-de-jacarau-expede-recomendacao-sobre-a-reorganizacao-do-calendario-das-escolas-estaduais>. Acesso em: 12 out. 2020.
- OLIVEIRA, Hudson do Vale; SOUZA, Francimeire Sales. Do conteúdo programático ao sistema de avaliação: reflexões educacionais em tempos de pandemia (COVID-19). **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 15-24, 2020.
- OLIVEIRA, Jéssica Mariella de C.; MELO JÚNIOR, Sandro S.; OLIVEIRA, Núbia Altina de C.; SOUSA, Diogo M. de. **Desenvolvimento de um Laboratório Didático de Acesso Remoto e Virtual Contextualizando EAD**. In: Encontro regional de Computação e Sistemas de Informação, 1., 2012, Manaus. **Anais**. Manaus: Encosis, 2012. p. 1-4.
- OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011.
- OLIVEIRA, Tatiana Coura; ABRANCHES, Monise Viana; LANA, Raquel Martins. (In)Segurança alimentar no contexto da pandemia por SARS-CoV-2. **Cadernos de Saude Publica**, São Paulo, v. 36, p. e00055220, 2020.
- ORTEGA, Lenise Maria Ribeiro; ROCHA, Vitor Fiuza. O dia depois de amanhã - na realidade e nas mentes - o que esperar da escola pós-pandemia. **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 302-14, 2020.
- PARAÍBA (Estado). **Decreto nº 40.122**, de 13 de março de 2020. João Pessoa, PB, 2020.
- PARAÍBA. GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. (Org.). **Notícias**. Disponível em: <https://paraiba.pb.gov.br/noticias>. Acesso em: 14 maio 2020.
- PATIAS, Naiana Dapieve; HOHENDORFF, Jean. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 24, 2019.
- PEIXOTO, Elza Margarida Mendonça; BRANDÃO, André Figueiredo; SANTOS FILHO, Edson do Espírito; SANTOS FILHO, Osvaldo Teodoro; LOPES, Vania Moraes. Crise do capital, crise sanitária, crise política-notas de conjuntura e educação. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 11, n. 3, p. 30-73, 2019.
- PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues; MORAES, Raquel de Almeida; TERUYA, Teresa Kazuko. **Educação a distância (EaD): reflexões críticas e práticas**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.
- PERISSÉ, Gabriel. **O valor do professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

- PISCHETOLA, Magda. **Inclusão digital e educação**: a nova cultura da sala de aula. Petrópoles: Vozes Limitada, 2019.
- RIBEIRO, Sílvia Regina Bella; YOKOYA, Eugênio; GROSSKLAUSS, Dany Bruno Borella S.; GOUVEIA, Djalma Rebelatto; RIBEIRO, Cíntia Borges. Relação professor-aluno: desafios e Aprendizagens. **Revista Científica UNAR**, Araras, v.19, n.2, p.159-170, 2019.
- ROBINSON, Laura; SCHULZ, Jeremy; DODEL, Matías; CORREA, Teresa; VILLANUEVA-MANSILLA, Eduardo; LEAL, Sayonara; MAGALLANES-BLANCO, Claudia; RODRIGUEZ-MEDINA, Leandro; DUNN; Hopeton S.; LEVINE, Lloyd; MCMAHON, Rob; KHILNANI, Aneka. Digital Inclusion Across the Americas and Caribbean. **Social Inclusion, Lisboa**, v. 8, n. 2, p. 244-259, 2020.
- SANTOS, Doraci Aparecida Bigotto Ignácio dos. **Os desafios da formação do leitor infantojuvenil na contemporaneidade**: a tecnologia que ajuda a ensinar. 2018. 34 f. Monografia (Especialização)- Curso de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.
- SILVA, Everton Melo. **Um pouco da história da humanidade: modo de produção, relações sociais e desenvolvimento do homem**. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.
- SILVA, Ivanderson Pereira; ROCHA, Fernanda burgos. Implicações do uso do WhatsApp na educação. **Revista EDaPECI**, São Cristóvão, v. 17, n. 2, p. 161-174, 2017.
- SILVA, Marco. **Educação online**: teorias, práticas, legislação, formação corporativa. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- VIEIRA, Estela Aparecida Oliveira; CUNHA, Daisy Moreira; MARTINEZ, Marie Louise. História da educação a distância no Brasil, algumas provocações. **Perspectivas em Políticas Públicas**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 121-148, 2016.
- VIEIRA, Mauro Luís; OLIVA, Angela Donato. (Organizadores) **Evolução, cultura e comportamento humano**. Florianópolis: Edição do Bosque/CFH/UFSC, 2020.

Recebido em 03 de maio de 2021

Aceito em 16 de junho de 2021